

**AVALIAÇÃO COMPARATIVA DO PROGRAMA
TV ESCOLA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP
NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS – NEPP**

MAIO DE 1999

**CADERNO DE PESQUISA
Nº 41**

Texto original do Sumário Executivo da Pesquisa Avaliação Comparativa do
Programa TV Escola



UNICAMP

Os cadernos de Pesquisa do NEPP, escritos pelos professores, estudantes de pós-graduação, pesquisadores e outros membros associados, aparecerão intermitentemente. Alguns serão comunicações de pesquisa preliminares em andamento, ou explorações de ideias teóricas, e a sua publicação visa a estimular discussão e gerar críticas úteis. Como resultado de tais discussões e críticas é provável que apareçam publicações de versões mais elaboradas em outra parte.

AVALIAÇÃO COMPARATIVA DO PROGRAMA TV ESCOLA

Apresentamos aqui os principais resultados da pesquisa *Avaliação Comparativa do Programa TV Escola*, realizada pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas – NEPP da UNICAMP nos anos de 1997 e 1998¹.

O estudo - tipicamente uma *avaliação de processo* - teve por objetivo avaliar a implementação do **Programa de Apoio Tecnológico** (Kit Tecnológico) e do **Programa TV Escola** nas redes públicas municipais e estaduais de ensino fundamental, tratando de identificar os fatores institucionais e organizacionais que operam como facilitadores ou como obstáculos à implantação e funcionamento dos mesmos. Buscou também estimar os graus de satisfação dos principais agentes e beneficiários com o Programa TV Escola. Para a consecução dos seus objetivos, a investigação utilizou-se de métodos quantitativos e qualitativos, apoiando-se em *surveys* nacionais e estudos de casos².

1. INDICADORES DE RESULTADOS E DE PROCESSO: O DESEMPENHO DOS PROGRAMAS EM 1997 E 1998, SEGUNDO DADOS DO SURVEY NACIONAL COM DIRETORES

¹ A pesquisa *Avaliação da Descentralização dos Programas Federais de Apoio ao Ensino Fundamental*, foi realizada em 1997 através de convênio entre o NEPP/UNICAMP e o INEP/MEC, tendo avaliado, além do Kit e da TV Escola, os programas da Merenda Escolar (Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE) e o Dinheiro na Escola (Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino – PMDE). Em 1998, para fins de comparação, repetiu-se a avaliação da TV Escola, através do projeto *Avaliação Comparativa da TV Escola*.

² O Módulo I da pesquisa realizou dois *surveys* nacionais através de *questionários* aplicados a uma amostra estratificada de 5.084 diretores de escolas públicas municipais e estaduais, tendo se obtido taxas de retorno de 62,8% em 1997 (3.193 diretores) e de 49,5% em 1998 (2.519 diretores). O Módulo II, realizado em 1997, foi constituído de estudos de casos desenvolvidos em 34 municípios (capitais e municípios pequenos, médios e grandes) de 8 UFs, através de entrevistas com os seguintes tipos de atores relevantes: Delegados de Ensino; Secretários Estaduais de Educação; técnicos estaduais responsáveis pelos programas; diretores de escolas estaduais; prefeitos municipais das 8 capitais e dos 26 municípios do interior; secretários municipais de educação; técnicos municipais; diretores de escolas municipais; técnicos das escolas; professores; alunos; pais de alunos; membros dos colegiados das escolas; membros dos conselhos municipais de educação. No total, foram realizadas cerca de 300 entrevistas com os múltiplos agentes, aplicados 1500 questionários a alunos de 4as. séries aleatoriamente agrupados nas suas respectivas escolas; cerca de 300 questionários aplicados a professores de 1as a 4as séries, com os quais também realizaram-se cerca de 64 grupos focais acerca do Programa TV Escola. Em 1998, foram entrevistados dezesseis técnicos estaduais e municipais, trinta e três diretores, trinta e três professores e dez coordenadores.

Quatro constatações principais podem ser extraídas do quadro de implementação e funcionamento do Programa TV Escola, tal como retratado nas informações amostrais coletadas em 1997 e 1998:

- o Programa está presente em aproximadamente dois terços das escolas públicas brasileiras, atingindo cerca de 73% % dos alunos (21,9 milhões) e 70% dos docentes (840 mil) do ensino fundamental público. Em pouco menos da metade das escolas, a capacitação docente através da programação emitida ocorre com periodicidade semanal ou, no máximo, mensal;
- os indicadores de eficácia permitem inferir o avanço do *processo de institucionalização* do Programa, sugerindo um crescente "amoldamento" das atividades da TV Escola às estruturas e rotinas pedagógicas escolares;
- os indicadores de desempenho mostram diferenças entre grupos de escolas, as desigualdades sendo mais acentuadas entre regiões – em detrimento das escolas das duas regiões mais pobres – e entre escolas municipais e estaduais, em detrimento das primeiras. Mas as melhoras verificadas entre 1997 e 1998 tenderam a reduzir estas diferenças, reforçando os impactos redistributivos da TV Escola;
- finalmente, praticamente todos os indicadores revelam melhoras entre 1997 e 1998, registrando êxitos do processo de implementação em superar as dificuldades e obstáculos que enfrentou no seu início, há dois anos atrás.

Os principais indicadores e evidências estão, a seguir, registrados.

1.1. Indicadores de Resultados: cobertura e destinação do programa

Em 1997, 3 entre 4 escolas urbanas com mais de cem alunos tinham recebido o Kit e onde já estava em funcionamento, em 61% das unidades escolares ocorria gravação dos filmes exibidos. Em 1998, a cobertura do Kit atingiu 90% das escolas, tendo crescido em 4% o número de escolas que gravavam programas. Este crescimento foi bastante maior nas escolas do Nordeste e, entre estas, nas escolas municipais (23% e 25% respectivamente), seguidas das escolas da Região Norte (20%). A cobertura cresceu, portanto, mais nos de escolas que apresentavam as menores taxas de cobertura no ano anterior, indicando êxito das estratégias de implementação que trataram de melhorar a equidade do Programa.

Quadro 1

Kit Tecnológico/TV Escola. Indicadores de Desempenho : Cobertura e funcionamento
Brasil e Regiões.1997 - 1998 % de escolas urbanas

Cobertura	Brasil			Regiões														
				Norte			Nordeste			C Oeste			Sudeste			Sul		
	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ
Escolas que receberam o kit	78	90	16	73	88	20	68	84	24	87	95	9	82	93	13	84	95	14
. Com kit instalado	96	92	-4	95	88	-7	93	91	-2	96	89	-7	98	94	-4	97	94	-3
. Com kit funcionando	83	92	10	79	91	15	78	84	7	80	95	18	89	98	9	79	89	12
- Realizam gravações	61	64	5	48	58	19	46	49	6	63	69	9	73	74	2	64	65	1
Possuem + 100 filmes	37	39	6	24	30	27	19	19	0	26	39	54	48	44	-8	38	53	40

Fonte: NEPP/UNICAMP. Pesquisa *Avaliação – TV Escola*, 1998

σ = Taxa de crescimento

Verifica-se no quadro acima a quase universalização da distribuição do Kit (a menor taxa de cobertura é a da região Nordeste, com 83,5%), o crescimento de 16% entre 1997 e 1998 e, mais importante ainda, a redução das disparidades de cobertura, uma vez que são as duas regiões anteriormente menos cobertas, o Nordeste e o Norte, as que apresentam as mais altas taxas de crescimento – 23% e 20% respectivamente

O equipamento está instalado e em bom estado de funcionamento igualmente em todas as regiões³. Bem menos – embora alcançando entre metade e dois terços das escola - é a participação daquelas que gravam os filmes do programa. Essas cresceram cerca de 4% entre um ano e outro, mas cresceram sobretudo as escolas municipais do Sudeste (49%), as municipais e estaduais do Norte (20% e 16%), as estaduais do Centro-Oeste (16%) e as municipais do Nordeste (11,7%).

Dois outros indicadores retratam também o desempenho do programa: **a destinação e a periodicidade do uso dos filmes reproduzidos**. Ou seja, permitem verificar tanto a intensidade do uso - através da sua periodicidade - quanto o público-alvo a que se destinam os filmes, se alunos ou se professores. Veja-se o seguinte quadro:

³ Registra-se queda, entre 1997 e 1998, no indicador "instalados", o que provavelmente se deve ao fato da demora de instalação nas escolas que receberam o kit em 1997, principalmente as escolas municipais do Norte e do Nordeste.

Quadro 2

TV Escola. Público- alvo e periodicidade da utilização dos programas
Brasil e Regiões, 1997 – 1998

Público-alvo/ periodicidade	Brasil			Norte			Nordeste			C.Oeste			Sudeste			Sul		
	87	88	σ	87	88	σ	87	88	σ	87	88	σ	87	88	σ	87	88	σ
Com docentes	59	61	3	60	54	-4	54	48	-11	62	64	3	64	73	14	56	56	0
.Utilização semanal	22	25	13	25	25	0	26	20	-25	26	26	0	21	35	64	13	11	-13
Com alunos	66	68	3	65	69	5	57	55	-3	74	74	0	71	74	4	65	70	9
.Utilização semanal	34	35	4	35	41	16	37	27	-26	34	39	4	32	40	20	31	36	16

Fonte: NEPP/UNICAMP. Pesquisa *Avaliação – TV Escola*, 1998

σ = Taxa de crescimento

Embora concebido como um programa prioritariamente de capacitação docente, a TV Escola é usada mais com alunos, mas entre 1997 e 1998, cresceu proporcionalmente mais a utilização com docentes. É positivamente surpreendente que entre 30% e 40% das escolas indiquem freqüência semanal de uso, principalmente com alunos. Finalmente, merece destaque o fato de que, embora as escolas das regiões mais desenvolvidas sejam as que mais assinalam o uso da TV Escola com docentes e com alunos, é nas regiões mais carentes que este uso se faz de modo mais intenso (uso semanal).

Verificou-se ainda que em 11% das escolas, todos os professores utilizam os filmes com os alunos; em 28%, a metade ou mais dos professores também o fazem e, finalmente, em 17% das escolas, nenhum professor usa o programa.

Os dois grupos de indicadores de desempenho comportam-se de maneira bastante desigual, quando se comparam escolas municipais e escolas estaduais, de um lado, e escolas pequenas, médias e grandes, de outro. Em geral, as escolas municipais e as escolas pequenas registram piores resultados, como pode se ver pelos números abaixo:

Quadro 3

TV Escola. Indicadores de Desempenho segundo grupos de escolas 1997-1998
Brasil

% escolas urbanas

Categorias de Escolas	Formas de recebimento dos benefícios														
	Possuem Kit			Instalado			Funcionado			Gravam			Possuem + 100 filmes		
	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ	97	98	σ
Escolas Estaduais	87	98	13	96	93	-3	85	93	9	66	67	2	38	42	10
Escolas Municipais	60	74	25	94	88	-6	78	89	14	46	53	15	29	25	-12
Escolas grandes	84	96	14	97	92	-6	83	95	15	66	73	10	44	41	-7
Escolas médias	76	88	16	96	93	-2	84	89	5	58	58	-1	22	37	68
Escolas pequenas	60	76	27	92	88	-5	80	91	13	46	43	-6	13	26	101
Munic. Grandes	76	90	19	96	93	-3	77	95	23	55	61	11	24	29	21
Munic. Médios	76	88	15	96	90	-6	87	76	-13	60	64	5	32	48	52
Munic. Pequenos	81	90	11	96	91	-6	80	93	17	70	68	-4	43	47	8

Fonte: NEPP/UNICAMP. Pesquisa *Avaliação – TV Escola*, 1998

σ = Taxa de crescimento

As grandes diferenças entre escolas municipais e estaduais tenderam a se reduzir entre 1997 e 1998, dadas as maiores taxas de crescimento aí registradas. Note-se que, à diferença dos outros indicadores, as escolas localizadas nos municípios pequenos tendem a gravar mais que as localizadas nos médios e grandes.

1.2. Indicadores de Eficácia

No Quadro 4, indicadores selecionados retratam o modo como o Programa TV Escola vem sendo operado nas escolas públicas de ensino fundamental:

Quadro 4

TV Escola: Indicadores de Eficácia 1997-1998

% escolas urbanas

		Manutenção dos Equipamentos pela Escola			Capacitação e Apoio						Coordenador Pedagógico					
					Disponibilidade de Material Impresso						Seleciona Programas			Grava Programas		
		Revistas			Outros Impressos											
		1997	1998	taxa	1997	1998	taxa	1997	1998	taxa	1997	1998	Taxa	1997	1998	taxa
Brasil	Total	47,3	55,7	17,8	70,0	79,4	13,4	77,9	82,3	5,6	39,6	50,2	26,8	30,3	38,3	26,4
	Estadual	56,3	65,9	17,1	70,03	80,3	14,2	78,3	84,3	7,7	40,7	53,9	32,4	32,3	42,5	31,6
	Municipal	21,8	30,3	39,0	69,0	77,0	11,6	76,8	77,1	0,4	35,0	38,6	10,3	21,8	25,0	14,7
Norte	Total	31,4	36,4	15,9	73,4	78,7	7,2	79,9	80,0	0,1	23,9	36,4	52,3	17,3	25,0	44,5
	Estadual	37,7	45,5	20,7	74,0	80,2	8,4	80,1	81,5	1,7	26,6	39,0	46,6	20,1	26,4	31,3
	Municipal	14,5	14,5	0,0	71,6	74,9	4,6	79,4	76,1	(4,2)	16,1	28,8	78,9	9,3	20,9	124,7
Nordeste	Total	28,7	30,1	4,9	66,5	75,0	12,8	72,0	74,7	3,8	9,7	25,0	157,7	8,2	16,5	101,2
	Estadual	38,0	42,2	11,1	68,6	77,3	12,7	73,7	79,7	8,1	7,5	21,0	180,0	7,1	17,8	150,7
	Municipal	8,9	7,9	(11,2)	61,8	70,2	13,6	68,4	64,3	(6,0)	18,2	37,0	103,3	12,2	12,4	1,6
Sudeste	Total	59,4	74,1	24,7	69,7	84,0	20,5	79,2	88,4	11,6	55,3	64,1	15,9	41,1	51,0	24,1
	Estadual	64,2	80,6	25,5	69,7	83,8	20,2	79,4	88,7	11,7	57,5	70,3	22,3	43,7	57,7	32,0
	Municipal	36,9	47,8	29,5	69,9	85,0	21,6	78,2	87,4	11,8	36,6	34,8	(4,9)	18,4	19,0	3,3
Sul	Total	58,3	69,1	18,5	71,2	74,5	4,6	78,9	78,7	(0,3)	31,9	44,0	37,9	21,9	32,3	47,5
	Estadual	75,5	77,6	2,8	69,7	73,4	5,3	77,8	78,3	0,6	26,1	48,6	86,2	18,9	29,8	57,7
	Municipal	27,5	53,9	92,7	73,9	76,7	3,8	81,0	79,4	(2,0)	41,9	36,4	(13,1)	27,1	36,4	34,3
Centro-Oeste	Total	45,3	52,9	16,8	76,0	83,5	9,9	85,6	88,8	3,7	51,0	69,5	36,3	48,7	54,2	11,3
	Estadual	55,0	62,5	13,6	75,9	84,8	11,7	84,5	89,1	5,4	49,9	69,8	39,9	52,0	57,4	10,4
	Municipal	19,0	31,2	64,2	76,4	80,5	5,4	88,7	88,2	(0,6)	54,2	68,8	26,9	38,8	44,4	14,4

Fonte: NEPP/UNICAMP. Pesquisa Avaliação – TV Escola, 1998

Algumas inferências podem ser feitas a partir do Quadro 4:

- sinalizando a *maior autonomização da escola* – principalmente da estadual - em relação à manutenção do equipamento, verifica-se que, em 1998, em mais da metade dos estabelecimentos (56%), a própria escola providencia a manutenção do equipamento. Em 1997, esse percentual era de 47%;
- em termos de *capacitação* para o uso da programação, registra-se que entre 70% e 85% das escolas recebem a Revista e outros impressos de apoio, percentuais que se elevaram em 13%, em relação ao ano anterior. Apenas 5% das escolas ainda não recebiam a grade de programação;
- sinalizando, por sua vez, a *institucionalização do programa*, através da sua maior inserção nas atividades eminentemente pedagógicas da escola – verifica-se que o *coordenador pedagógico* envolve-se crescentemente com a TV Escola, selecionando os filmes em metade delas e gravando-os em aproximadamente um quarto das escolas.

1.3. Indicadores de Eficiência Social: graus de satisfação dos usuários

O Programa TV Escola, desde seu primeiro ano de funcionamento, foi positivamente avaliado pelos diretores escolares e esta satisfação cresceu razoavelmente entre 1997 e 1998⁴. Diretores de três, entre cada quatro escolas, avaliam positivamente o conteúdo dos programas e sua eficiência para capacitar professores, enquanto aproximadamente dois terços aprovam também sua adequação ao currículo escolar. Portanto, do ponto de vista da *disposição* dos agentes educacionais, o programa parece contar com condições vantajosas de implementação.

1.4. Principais dificuldades e obstáculos à implementação do programa

Para fins de análise, consideramos alguns fatores estruturais, tais como o porte da escola, o porte do município, a região, o nível de escolaridade do diretor, a dependência administrativa. É possível notar a forte associação que o desempenho insuficiente do programa observa em relação a determinadas características das escolas.

Aplicando aos dados de 1997 um modelo de regressão logística, foram obtidas significativas associações entre as seguintes características:

⁴ Os questionários foram respondidos por diretores. Entretanto, na pesquisa de campo, Módulo II, realizada em 1997, a opinião dos alunos foi consultada através de questionário aplicado a uma amostra não-aleatória de 1559 alunos. 80% deles afirmaram gostar do uso de televisão em aula, mas apenas 58,4% consideraram bom o funcionamento da TV Escola nas suas escolas. É interessante verificar que quanto mais vêem programas nas suas escolas, mais gostam os alunos que a televisão seja usada em salas de aula.

Quadro 7

TV Escola: Principais associações entre características institucionais e desempenho do Programa – 1997

Condicionantes estruturais do desempenho

Levantamento 1997	Levantamento 1998
Escola municipal X escola estadual	
<ul style="list-style-type: none"> • 4,9 vezes mais chances de não ter o Programa instalado • 2,3 vezes mais chances de não gravar os programas • 1,5 vezes mais chances de pouco uso dos equipamentos com capacitação docente (no SE 2,6 vezes mais) • 1,5 vezes mais chances de pouco uso dos equipamentos com atividades pedagógicas (no SE 3,8 vezes mais) 	<ul style="list-style-type: none"> • 3,8 vezes mais chances de não ter o Programa instalado • 1,8 vezes mais chances de não gravar os programas • 1,3 vezes mais chances de pouco uso dos equipamentos com capacitação docente (no SE 2,5 vezes mais) • 1,6 vezes mais chances de pouco uso dos equipamentos com atividades pedagógicas (no SE 3,5 vezes mais)
Escola média X escola grande	
<ul style="list-style-type: none"> • 1,7 vezes mais chance de não ter o programa instalado • 1,4 vezes mais chances de não gravar • 2,6 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da Secretaria Estadual ou Municipal de Ensino (no Sul 2,9 vezes mais de adquirir através das próprias escolas) 	<ul style="list-style-type: none"> • 1,6 vezes mais chances de não ter o programa instalado • 1,9 vezes mais chances de não gravar • 2,1 vezes mais chance de adquirir equipamentos através da Secretaria Estadual ou Municipal de Ensino
Escola pequena X escola grande	
<ul style="list-style-type: none"> • 4,3 vezes mais chances de não ter o programa instalado • 2,3 vezes mais chances de não gravar • 1,9 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da Secretaria Estadual ou Municipal de Ensino na região SE 5,9 vezes de adquirir equipamentos através da própria escola na região Sul, 3,8 no C. Oeste e 2,4 vezes no Norte e Nordeste) • 1,8 vezes mais chances dos diretores terem declarado enfrentar dificuldades 	<ul style="list-style-type: none"> • 3,8 vezes mais chances de não ter o programa instalado • 3,2 vezes mais chances de não gravar • 1,5 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da Secretaria Estadual ou Municipal de Ensino na região SE 2,5 vezes mais de adquirir equipamentos através da própria escola na região C. Oeste, 5,6 vezes mais na região Norte e 1,9 vezes mais no Nordeste) • 1,6 vezes mais chances dos diretores terem declarado enfrentar dificuldades
Escola que pertence à município médio ou pequeno X escola de município grande	
<ul style="list-style-type: none"> • De 1,3 a 1,8 vezes mais chances de não ter o programa nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. As regiões SE e SU tem 2 vezes mais chances de ter o programa. (Escolas de municípios pequenos da região SE tem 6,3 vezes mais de ter o programa). • 1,3 vezes mais chances de realizar as gravações dos programas nas escolas dos municípios médios e 2 vezes mais nos pequenos • 1,4 vezes mais chances do uso dos equipamentos para capacitação dos professores ser freqüente nas escolas dos municípios médios e 1,9 nas escolas dos municípios pequenos • 1,4 vezes mais chance do uso dos equipamentos para atividades pedagógicas ser freqüente nas escolas dos municípios médios e 2 vezes mais nas escolas dos municípios pequenos 	<ul style="list-style-type: none"> • De 1,2 a 1,7 mais chances de ter o programa nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. As regiões SE e SU tem chances entre 1,4 e 1,9 a mais de ter o programa. (Escolas de municípios pequenos da região SE tem 7,7 vezes mais chances de ter o programa). • 1,2 vezes mais chances de realizar as gravações dos programas nas escolas dos municípios médios e 1,5 nos pequenos • 1,2 vezes mais chances do uso dos equipamentos para capacitação dos professores ser freqüente nas escolas dos municípios médios e 1,5 nas escolas dos municípios pequenos • 1,7 vezes mais chances do uso dos equipamentos para atividades pedagógicas ser freqüente nas escolas dos municípios médios e 1,6 nas escolas dos municípios pequenos

Condicionantes institucionais do desempenho

Levantamento 1997

Escola com experiência anterior em gestão de recursos X escolas sem experiência

- 5 vezes mais chances de ter o programa implantado (no SE 7 vezes mais e no N 2,8)
- 2,5 vezes mais chances de gravar os programas
- 5,6 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da própria escola
- 1,1 vezes mais chances da escola ter enfrentado problemas
- 1,6 vezes mais chances do uso dos equipamentos para capacitação dos professores ser freqüente (no SE 4 vezes mais chances de uso freqüente e no Sul 1,7 de chance a mais do uso ser pouco freqüente)
- 1,5 vezes mais chances do uso dos equipamentos para atividades pedagógicas ser freqüente (no SE e no N mais de 2,7 vezes mais chances)

Levantamento 1998

- 4 vezes mais chances de ter o programa implantado (no CO, NE e SE cerca de 3 vezes mais e no Sul 13 vezes mais)
- 3,3 vezes mais chances de gravar os programas
- 4,5 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da própria escola
- 32% a menos de chance da escola ter enfrentado problemas
- 79% de chance a mais de chance do uso dos equipamentos para capacitação dos professores ser freqüente (no SE 3,4 vezes mais chances de uso freqüente)
- 2,5 vezes mais chances do uso dos equipamentos para atividades pedagógicas ser freqüente (no N e CO 3 vezes mais, SE 2 vezes, no Sul 9 vezes mais)

Escolas que possuem unidade executora X escolas que não possuem

- 3,8 vezes mais chances de ter o programa implantado (no SE 9,5 vezes mais e no N e NO 2)
- 2,3 vezes mais chances de gravar os programas (SE 4,7 vezes mais e no NE 28% de chances a menos de gravar)
- 3 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da própria escola (SE 9,8 vezes mais e NE 1,4 de chance a menos)
- 1,7 vezes mais chances da escola não ter enfrentado problemas
- 1,2 vezes mais chances do uso dos equipamentos para capacitação dos professores ser freqüente (no SE 2,8 vezes mais chances de uso freqüente e no Sul 2 vezes mais chances do uso ser pouco freqüente)
- 1,7 vezes mais chances do uso dos equipamentos para atividades pedagógicas ser freqüente (no SE 3,6 vezes mais chances e no Sul 1,2 menos)

- 2,5 vezes mais chances de ter o programa implantado (no SE 3 vezes mais e no NE 1,5)
- 2,3 vezes mais chances de gravar os programas (NE 1,9 vezes mais e no Sul 5,3)
- 2,5 vezes mais chances de adquirir equipamentos através da própria escola (NE 4,5)
- 3,7 vezes mais chances da escola não ter enfrentado problemas
- 1,3 vezes mais de chances do uso dos equipamentos para capacitação dos professores ser freqüente (no CO e Sul 1,4 de chance a menos)
- 1,3 vezes mais chances do uso dos equipamentos para atividades pedagógicas ser freqüente (no SE 1,2 de chance a menos)

Escolas que tem projeto pedagógico X escolas que não tem

- 2,4 vezes mais chances de ter o programa implantado
- 1,3 vezes mais chances da escola adquirir equipamentos através delas mesmas do que pelas Secretarias de Educação
- 2,4 vezes mais chances de realizar gravações
- 1,3 vezes mais chances de ter declarado que não enfrentou dificuldades
- Por volta de 2 vezes mais chances da periodicidade de uso dos equipamentos com capacitação docente e atividades pedagógicas ser freqüente

- 2,1 vezes mais chances de ter o programa implantado
- 1,6 vezes mais chances da escola adquirir equipamentos através delas mesmas do que pelas Secretarias de Educação
- 3,1 vezes mais chances de realizar gravações
- 1,1 vezes mais chances de ter declarado que não enfrentou dificuldades
- 1,6 vezes mais chances da periodicidade de uso dos equipamentos com capacitação docente ser freqüente e 1,3 de chance a mais do uso com atividades pedagógicas ser freqüente

Escolas que possuem coordenador pedagógico X escolas que não possuem

- 1,3 vezes mais chances de ter o programa implantado (no norte e no C. Oeste mais de 2,3)
- 1,2 vezes a menos chances da periodicidade de uso dos equipamentos em capacitação docente ser freqüente
- 1,1 vezes mais chances da periodicidade de uso dos equipamentos em atividades pedagógicas ser freqüente

- 4,8 vezes mais chances de ter o programa implantado (no norte 7,5 vezes e no Nordeste 4 vezes)
- 1,5 vezes mais chances da periodicidade de uso dos equipamentos em capacitação docente ser freqüente
- 1,8 vezes mais chances da periodicidade de uso dos equipamentos em atividades pedagógicas ser freqüente

Desempenho segundo o perfil do diretor

Levantamento 1997

Diretores com 1º ou 2º Grau X Diretores com curso superior

- Tem até 2 vezes mais chances de não implementar o programa (diretores com 1º grau: 9,6 vezes mais chances de não implementar no Norte e 16,7 na região C. Oeste)
- 2 vezes mais chances de não realizar gravações dos programas
- diretores com o 1º Grau tem 2 vezes mais chances de fazer uso freqüente dos equipamentos para capacitação de professores

Levantamento 1998

- Tem até 2 vezes mais chances de não implementar o programa diretores com 1º grau: 3 vezes mais chances de não implementar na região C. Oeste
- Tem entre 1,6 a 1,9 vezes mais chances de não realizar gravações dos programas
- diretores com o 1º Grau tem 1,5 vezes mais chances de fazer uso periódico dos equipamentos com capacitação docente e 1,3 a mais de chances do uso ser periódico com atividades pedagógicas

Diretores que tiveram treinamento específico X Diretores que não tiveram

- 2,6 vezes mais chances de implementar o programa (4,3 no NE e 3,9 no CO)
- 1,2 vezes mais chances de gravar os programas
- 1,5 vezes mais chances de adquirir os equipamentos através da própria escola do que através das Secretarias de Educação (no NE 2,8 vezes mais chances)

- 1,7 vezes mais chances de implementar o programa (2,2 no N e 1,9 no NE)
- 1,2 vezes mais chances de gravar os programas
- 2 vezes mais chances de adquirir os equipamentos através da própria escola do que através das Secretarias de Educação

Diretores que estão há menos de 1 ano na função X Diretores com mais tempo

- 1,9 vezes mais chances de não implementar o programa (CO tem 4,4 vezes mais chances)
- 1,5 vezes mais chances de não realizar as gravações dos programas
- Tem 2,3 vezes mais chances dos equipamentos serem adquiridos através de Secretarias de Educação e não pela própria escola
- Tem 1,8 vezes mais chances do uso dos equipamentos com capacitação docente ser freqüente
- Tem 1,3% vezes mais chances do uso dos equipamentos com atividades pedagógicas ser pouco freqüente

- Tem 1,1 vezes mais chances de não implementar o programa (CO tem 5,3 e Sul 4,4 mais chances)
- 1,2 vezes mais chances de não realizar as gravações dos programas
- Tem 1,3 vezes mais chances dos equipamentos serem adquiridos através de Secretarias de Educação e não pela própria escola
- Tem 1,9% vezes mais chances do uso dos equipamentos com capacitação docente ser freqüente
- Tem 1,9 vezes mais chances do uso dos equipamentos com atividades pedagógicas ser pouco freqüente

Fonte: NEPP/UNICAMP. Pesquisa *Avaliação – TV Escola*, 1998

As associações acima expostas projetam com nitidez a configuração adversa de escolas nas quais o desempenho do Programa TV Escola ainda esbarra em dificuldades para implantar-se plenamente e funcionar segundo seus objetivos: a escola municipal, pequena, cujos diretores têm ainda baixa escolaridade e são instáveis na função. Estas variáveis escapam ao âmbito de ação do Programa, mas medidas de estímulo e reforço para escolas assim caracterizadas podem ampliar seguramente as suas margens de melhora.

2. PRINCIPAIS RESULTADOS DOS ESTUDOS DE CASO

A pesquisa de campo procurou analisar com mais profundidade as condições de implementação dos dois programas, identificando situações típicas e casos exemplares, em dois momentos no tempo.

A cobertura e operacionalidade do programa. No que diz respeito à abrangência dos programas, a pesquisa de campo confirmou os dados já assinalados pelo *survey* nacional: a maioria das escolas já estava equipada com o *kit* e apenas em um muito pequeno grupo, o equipamento não havia sido instalado. Houve também uma melhora expressiva de um ano para o outro. Em 1998, apenas quatro não possuíam o kit, sendo todas municipais. Mostrou-se entretanto alto, nos estudos de caso, o número de escolas cujo equipamento enfrentava problemas sérios, a ponto de inviabilizar seu uso: 29 em 54 casos, em 1997. Os problemas, em geral, referiam-se à antena parabólica (dezenove escolas) e aos aparelhos de TV e vídeo. Em apenas dezessete escolas, os equipamentos funcionavam perfeitamente. Em 1998, apenas três escolas não tinham instalado o equipamento, três apresentavam problemas e uma teve o aparelho de vídeo roubado.

Os estudo de caso mostrou na segunda etapa que houve uma sensível melhora da manutenção dos equipamentos, apontando para um maior envolvimento das redes estaduais e municipais e da própria escola que procurou solucionar o problema.

Os processos e os procedimentos que criaram as bases iniciais da implementação da TV Escola - desde a assinatura dos convênios do PAT até à instalação dos equipamentos - também diferenciaram-se acentuadamente entre os casos estudados, nas duas etapas da investigação, assumindo fisionomias locais bastante interessantes e exemplares tanto de situações de êxito quanto dos obstáculos que ainda afetam a operação do programa. Ressalta-se o caso do município de Santarém, que ofereceu um apoio efetivo na implementação da TV Escola, a partir de 1997, criando na Prefeitura a função de orientador de vídeo, ao mesmo tempo em que designou um profissional para cada escola municipal, com treinamento específico para a função, coordenados pelo referido orientador.

A capacitação. Ações de capacitação, realizadas pelo MEC e por técnicos estaduais, foram registradas nos oito estados pesquisados. Entretanto, a maioria dos agentes implementadores localizados nos municípios e nas escolas não havia recebido capacitação para a função. Muitos dos técnicos estaduais tinham assumido o cargo fazia pouco tempo e tentavam estruturar o setor. Na primeira etapa da pesquisa, suas atividades se restringiam a realizar as gravações e a elaborar o levantamento da situação da TV Escola nas unidades escolares. Apesar dessa situação manter-se no ano de 1998, os entrevistados da esfera estadual ressaltaram os workshops realizados pelo MEC, além de reafirmarem que o relacionamento com a equipe responsável pela implementação da TV Escola é sempre muito positivo.

Onde ocorreu a capacitação, as estratégias utilizadas privilegiaram grandes eventos, como *workshops*, para maximizar as chances de abranger o maior número possível de participantes. Entretanto, além das limitações dos eventos massivos, os treinamentos não foram contínuos nem sistemáticos. Além disso, na maioria das vezes restringiram-se a orientar sobre a instalação e uso do *kit*, e raramente trataram do conteúdo da TV Escola e de seu uso como recurso de capacitação e apoio pedagógico.

Em Minas Gerais aconteceu um fato muito interessante. A Secretaria Estadual iniciou em 1998 a realização do PROCAP - programa de capacitação dos professores que utiliza a televisão e estimula o seu uso nas escolas. Na maior parte dos depoimentos houve referências a esse Programa e ao seu papel na utilização mais efetiva da programação da TV Escola no dia a dia escolar.

No *âmbito das redes municipais*, também praticamente não aconteceram ações de capacitação dos agentes envolvidos na implementação do programa nas duas etapas da pesquisa. Muitos dos entrevistados creditam o pouco envolvimento dos profissionais e o baixo desempenho do programa à ausência de capacitação e informação.

Um problema da capacitação sistematicamente citado nas duas etapas da pesquisa é o fato de que, à diferença das escolas, as secretarias municipais e estaduais não recebem o material impresso, que lhes serviria de apoio para uma mais competente atuação junto às escolas. Essa situação é mais grave nos municípios que ainda se ressentem do forte isolamento em que são mantidos.

O material impresso. O material impresso tem chegado à maioria das escolas e tal distribuição foi melhor em 1998 que em 1997, tanto pela maior regularidade quanto pela maior quantidade de revistas. A maioria das escolas recebeu o material em tempo e até com antecedência. A grade, na maioria das escolas, é colocada em local visível, na sala dos professores, assim como os cadernos e revistas. Em muitas escolas os professores fazem empréstimos do material para lerem em casa. A maioria recebe em tempo e até com antecedência. Informou que neste ano, a entrega melhorou e aumentou a quantidade de revistas para as escolas. São vários os relatos que informam sobre o não envio e/ou atraso no envio dos materiais impressos.

As fitas para a gravação. As fitas não se constituem num fator impeditivo da gravação de filmes: a ausência de fita foi raramente citada como motivo pelo qual a escola não grava filmes. As escolas têm providenciado a compra das fitas com seus recursos. É claro que elas prefeririam que as fitas fossem oferecidas pelo MEC.

A manutenção dos equipamentos. A manutenção constitui-se em problema sério, já que a maioria dos diretores demonstrou enfrentar dificuldades toda vez que necessita de um técnico especializado. A maioria solicita, às secretarias, técnico para instalar, reinstalar ou consertar o equipamento. A demora para o atendimento e o despreparo dos técnicos fazem com que as escolas, quando tenham possibilidade, prefiram utilizar serviço particular.

Gravação e uso dos filmes. Há escolas que gravam todos os dias os programas, outras informaram que gravam integralmente a programação e apenas uma única escola informou que deixa o aparelho programado para realizar a gravação. Ocorre uma variação de situações de gravação, sendo as situações típicas encontradas as seguintes: escolas que gravam diariamente toda a programação; escolas que gravam esporadicamente; escolas que nunca gravaram e não têm acesso aos filmes educativos. Há também uma outra alternativa à gravação das fitas que é a oferecida por alguns estados nos quais as secretarias que gravam as fitas de forma centralizada e organizam grandes videotecas que circulam, sob empréstimos, entre as escolas. Também o intercâmbio entre escolas constitui, em alguns casos, um mecanismo para contornar problemas, principalmente os de ordem material.

Nas escolas mais dinâmicas, que utilizam o programa de modo planejado e conseqüente, pôde-se verificar a reorganização da divisão interna de trabalho, gerando condições favoráveis ao bom desempenho da TV Escola. Nestes casos, em geral, são as diretoras que coordenam o programa: as fitas são gravadas por um funcionário responsável ou, em um caso particular, por um aluno. Gravada a fita, cabe à coordenadora pedagógica catalogá-la e divulgar seu conteúdo junto aos professores, orientando o uso, sugerindo programas e ensinando a usar o vídeo. Os equipamentos são utilizados cotidianamente. No entanto, o uso dos programas é ainda pouco sistemático, por isso mesmo sua periodicidade é errática. Apenas uma escola informou que, quinzenalmente, as programações são exibidas aos alunos.

Os estudos de caso mostraram uma forte associação entre o bom funcionamento da TV Escola e características positivas das escolas, tais como de autonomia decisória, sistemas participativos de decisão e boa capacidade gerencial. Seguramente, é nesse terreno que poderão ser encontradas as energias dinamizadoras do programa.

3. RECOMENDAÇÕES DE POLÍTICAS

Os resultados da pesquisa de avaliação da implementação dos programas Kit Tecnológico e TV Escola sustentam sugestões e recomendações de políticas destinadas a minimizar dificuldades sistemáticas da implementação, a reduzir diferenças regionais e entre escolas, reforçar as experiências positivas, aumentando assim a efetividade do programa. De forma sintética, recomenda-se:

a) fortalecer as articulações institucionais:

- fortalecimento da articulação do MEC com Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, visando a melhor integração do programa nas redes e a redefinição de responsabilidades e tarefas quanto a gravações, distribuição e utilização de fitas;
- municipalização do programa - por aí se entendendo a maior responsabilização das prefeituras com o funcionamento da TV Escola tanto nas escolas municipais quanto nas estaduais - parece consistir em profícua alternativa;
- envolvimento das universidades, faculdades e escolas de magistério no programa de capacitação docente através da TV Escola, estimulando a introdução de disciplina referente ao uso de novas tecnologias no currículo, abrindo as possibilidades de estágios aos estudantes etc.;
- estímulo à criação de comitês interinstitucionais de apoio ao uso da tecnologia na educação nos estados;
- estímulo à melhora do desempenho do programa, através da premiação das experiências mais inovadoras no uso da TV, selecionadas por concurso similar ao concurso da FGV/Fundação Ford;

b) melhorar o desenho e os sistemas de capacitação, monitoramento e supervisão do programa

- prioridade ao cumprimento das metas quantitativas de cobertura e de número de filmes por escolas;

- a flexibilização do desenho do programa, atendendo às necessidades regionais e de segmentos de escolas. Por exemplo, face à maior dificuldade de certas regiões e escolas gravarem as fitas, a distribuição de fitas gravadas poderia se constituir em alternativa adicional, sem prejuízo da já existente;
- relacionar o uso das fitas com os parâmetros curriculares;
- melhorar das estratégias de capacitação implementadas pelo MEC. Por exemplo, ampliar as ações de capacitação, através de cartilhas para as prefeituras e escolas ou em filmes ancorados no "exemplo ao professor";
- verificação sistemática da qualidade da emissão do sinal, por regiões;
- verificação, por amostragem, da adequação da linguagem e do conteúdo dos programas.



UNICAMP
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

NEPP

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

Av. Albert Einstein, 1300

Campinas - SP - Brasil

CEP. 13083-852

TEL: (019) 3788-2495 / 3788-2496 / 3289-3901 / 3289-3143

FAX: (019) 3289-4519

Caixa Postal - 6166

E-mail: nucleo@nepp.unicamp.br

Homepage: www.nepp.unicamp.br